

Cultura, Ensino e Tecnologias Digitais.¹

Eduarda Escila Ferreira Lopes –
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Unesp/ IB/ Rio Claro
Docente do Centro Universitário de Araraquara- UNIARA

Resumo:

A cada dia é maior a presença de dispositivos móveis e da internet como recursos para a vida escolar. Em nível superior, a tecnologia se torna cada vez mais presente na sala de aula, como recurso das atividades acadêmicas e resultado da cultura digital da sociedade. A proposta do artigo é revisar questões teóricas envolvidas que nos levará a identificar as alterações do cotidiano da cultura escolar tendo elemento o uso de dispositivos móveis e da internet por parte dos universitários. O estudo fundamentará a tese de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP de Rio Claro sob orientação da Profa. Dr. Vera Tereza Valmemarin. Desta forma, a pesquisa pretende transitar entre estudos da cultura, cultura escolar e cultura digital. Os estudos realizados até o momento que abarcam a teoria conceitual de cultura escolar perfazem a compreensão da cultura e da cultura digital.

Palavras-chave- cultura digital, cultura e cultura escolar

Cultura e modos de vida: entendimentos e componentes de análise.

À frente da sustentação dos estudos sobre cultura digital, é preciso retomar o compreensão do que é cultura e como se estabelece diante da sociedade. Há de se destacar, então, o saber de Marilena Chauí² que considera plausível aceitar que a decorrência do conceito da cultura segue uma articulação com civilização a partir do século XVII no “start” inicial relacionado ao conceito da palavra cultura alusiva, num primeiro momento, ao cultivo, cuidados com a

¹ Trabalho apresentado no DT06- Interfaces Comunicacionais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

natureza ou cuidados com criança – Puericultura – ou ainda numa ordem sequente como cuidado com Deus - Culto.

No mesmo alinhamento de pensamento, civilização relaciona-se com civir- cidadão- civitas- cidade politicamente organizada através das leis. Em sua amplitude o conceito de civilização significa o final de um processo histórico feito de etapas que se completam, ou seja, pressupondo o conceito de progresso que é um dos pensamentos mais importantes do século XVIII.

A cultura era considerada um dos critérios para estabelecer o nível de civilização de uma sociedade e através dela também se estabelecem as comparações, avaliações e classificações, desta forma torna-se sinônimo da percepção dos “seres humanos como seres históricos”.

Do ponto de vista histórico, é o conjunto de modos de vida de uma determinada sociedade, incluindo trabalho, relações materiais e toda a produção humana em seus vários campos: religião, linguagem, ciências, artes e política. Se relacionada ao indivíduo e à educação racional, passa a indicar indivíduos “educados intelectualmente e artisticamente” dando origem a figura do homem culto em contraposição ao home inculto.

Para Chauí(2014³) passa a ser entendida como criação coletiva de várias manifestações (vestuário, linguagem, religião, trabalho, lazer, música ,dança, valores e regras) não reduzida apenas ao conhecimento letrado. Apodera-se de tudo, possível e impossível. Desta forma, se pensada em sentido amplo é a criação coletiva do universo simbólico e quando há divisão social do trabalho deixa de ser pensado desta forma, então ganha um sentido restrito que é um conjunto de habilidades e competências, considerado prerrogativas de classes.

No sentido restrito, articulada com divisão social de propriedade e trabalho inclina a definir-se como “posse de conhecimento, habilidades, gostos específicos e se transforma em privilégio de classe e na distinção de cultos e incultos” (informação oral) .

Em relação a expressão “cultura popular” atribuem-se vários sentidos e significados, a começar pela religião, há quem se refira a uma religião do povo, diferente das organizadas pela classe dominante. A religião e a moral do povo são mais fortes e resistentes e podem ser explicadas em três estratos. O estrato fossilizado que revela as condições de vidas passadas e é parte conservadora e reacionária dentro da cultura popular. O segundo estrato

³ O texto tem por alicerce o trabalho elaborado por Marilena Chauí no conjunto de obras que trata a questão da cultura, cultura popular e cultura nacional. Conformismo e Resistência (1986), Seminários (1984), Cultura e Democracia.

são as determinantes das condições atuais de vida, portanto, progressistas e inovadoras. Já o terceiro estrato é onde a moral e a religião do povo vivem em contradição com a moral e a religião da classe dominante. Este último estrato, que nos interessa para as questões culturais, é onde a cultura popular se realiza. Tendo ainda como fundamento o pensamento, Gramsciano destaca que a

cultura popular propriamente dita se exprime nos cantos populares e que se distingue nos outros cantos no quadro geral da nação e da sua cultura não como fato artístico e sim como fato histórico mas, pelo seu modo de conceber o mundo e a vida em contradição com a sociedade oficial. (informação oral)

Como retomada de seu pensamento, a filósofa salienta o conceito de popular como a capacidade de um indivíduo intelectual ou artista para apresentar suas ideias, situações, sentimentos, posições e anseios universais que, por serem universais, o povo reconhece, identifica e compreende espontaneamente. Significa também a capacidade para captar no saber e na consciência popular instantes de revelação que alteram a visão de mundo do artista ou do intelectual e transformam em obra o conhecimento do próprio povo. Num terceiro momento significa a capacidade de transformar a crítica social em algo identificado pelo povo todo. Como último modo, pode ser a sensibilidade ligada a sentimentos populares sem considerar o valor artístico da obra, como exemplos: o melodrama e o folhetim.

Chauí (1986, p.21) considera que a visão Gramsciana traz uma novidade, que é aceitar que o conceito de cultura “inclui a cultura como processo social e global que constitui a “visão de mundo” de uma sociedade e de uma época”.

Outra ênfase destacada pela autora neste entendimento sobre cultura popular é o fato de que durante as décadas de 50 e 60 os estudos sobre cultura de massa e sociedade de massa atingiram importância na pauta de estudos científicos de renomados filósofos, sociólogos, historiadores e antropólogos, tendo por referência os Frankfurtianos em contraponto a Daniel Bell que “legislava” pela noção de sociedade de massa como expressão da democracia.

Com outro parecer surgiram os Frankfurtianos com o conceito de indústria cultural e de cultura administrada com a ideia de razão acrítica do homem reificado, criado pela manipulação. Entretanto as conceituações coincidem quando abordam o popular e a massa. Cultura popular é igual a cultura de massa nesta concepção de sociedade de massa.

Chauí não considera os pensamentos idênticos, justificando por algumas razões como: a) no Brasil a concessão dos meios de comunicações é feita pelo Estado e fica sob seu controle,

são frequentemente instrumentos do mesmo, assim, se considerarmos que os conceitos são idênticos, significa considerar que cultura popular é feita pelos dominantes; b) a diferença das expressões demarca que cultura popular deixa evidente a divisão social, já que assinala que, se há algo popular, há algo não popular dentro de uma mesma sociedade. A noção de massa torna tudo um só núcleo, sujeitos são definidos pelas coisas e pelas atividades socioeconômicas; c) o conceito de massa reduz a sociedade em camada baixa e camada alta. Os distintos e os anônimos. A ideologia considera a elite preparada para estar no poder e no comando. O preparo faz com que ela alcance poder através de uma força sempre maior. A massa está desprovida e despojada de poder, tendo que ser guiada pela elite através da cultura de massa; d) Comunicação de Massa é o aspecto em que Cultura Popular e Cultura de Massa aparecem com diferenças. Tem por hipótese que tudo pode ser dito ou apresentado, mostrado, desde que estabelecidos critérios de quem fala, para quem e o que diz. Aparentemente pertence a uma comunidade. Mas isto é ilusão, já que há uma divisão entre a figura do “emissor autorizado” e do “receptor autorizado”. Quem emite a mensagem é especialista com base em seus conhecimentos, tem autoridade para falar. O receptor autorizado é aquele que tem condições de analisar, avaliar, refutar ou aceitar. O que na verdade interessa destacar é a aparente democratização, proposta inclusive pelos Meios de Comunicação.

A comunicação de massa está inserida no campo tecnológico que inclui disciplina e vigilância, já a cultura popular está no contexto de reformulação e resistência a essa vigilância e disciplina. É uma diferença de natureza.

Trata-se de uma diferença entre uma prática cuja lógica é a da constituição dispersa e respondendo a condições novas, e uma estrutura totalizante dotada de referências e de regras anteriores a práticas da comunicação. (CHAUÍ, 1986, p. 33)

A comunicação de massa se respalda na Informação que tem por base a ciência e sua objetividade, no discurso do especialista. Decorre da sedução, da capacidade de convencimento dos meios para com o público, decorre de espaços democráticos e da formação da opinião pública.

O século XX, desenvolveu, junto com o fortalecimento dos regimes democráticos, as técnicas de manipular a opinião, de conhecer a ascensão dos MCM. É por isso que a história da opinião está relacionada com os meios de comunicação. À medida que os meios de acesso e divulgação da informação se desenvolvem, a opinião pública pôde

expressar-se mais facilmente. A opinião pública, portanto, se estabelece no domínio da comunicação.

O progresso da humanidade teve, como um dos fatores fundamentais, o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. No quadro de conquistas do homem, a comunicação é causa e efeito de progresso, tornando-se a própria história da humanidade. MACLUHAM (1995, p.22) expõe que: “a ‘mensagem’ de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas”.

A poderosa influencia das novas formas de comunicação e outros disseminadores eletrônicos sobre a forma de pensamento do homem, resume-se na conceitualização da Marshall MACLUHAM “o meio é a mensagem”. Os MCM modernos superam a importância do conteúdo, da linguagem, e são por si só uma mensagem. Isso ocorre quando, ao ingressarem no dia-a-dia, provocam mudanças de comportamento e ações.

Interconexão, Cultura Digital E Cultura Escolar.

Nos novos padrões da sociedade contemporânea, diretamente influenciada pela internet, conceitos de cultura digital se confundem à medida que as pessoas transpõem o limite entre “receber” e o “fornecer” informações. Este é um novo espaço que é preenchido por características culturais próprias que são modificadas pelos avanços tecnológicos. A interconexão em rede influencia a sociedade como um todo facilitando organizações, alterando hábitos, diminuindo distâncias e serve como instrumento de organizações das pessoas nos mais diversos sentidos dentre eles: ensino, pesquisa, social e político.

Surge na internet o conceito de inteligência coletiva que permite, através das redes sociais, não só aproximar as pessoas, mas também, fazem com que elas possam contribuir e juntar ideias, projetos e conceitos.

é uma inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em mobilização efetiva das competências. Acrescentemos à nossa definição este complemento indispensável: a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas, senão culto de comunidades feiticizadas ou hipostasiadas. Uma Inteligência distribuída por toda parte; tal é o nosso axioma inicial. Ninguém sabe tudo, todos sabem alguma coisa, todo saber está na humanidade. (LEVY, 1999, p.28)

A configuração da sociedade em rede é inerente ao ser humano, pois desde o início dos tempos as pessoas se agrupam aos semelhantes usando como critérios trabalho, amizade,

relações religiosas, políticas e outras. É certo que durante a vida o indivíduo vai expandindo sua rede. Então, o conceito de rede social dentro de uma análise teórica não pode ficar restrito e interligado com tecnologias e sim, deve-se interpretar a sociedade em rede para entender o caminho do ser humano até as novas tecnologias e redes sociais.

Segundo Tomaél, Alcará, Di Chiara (2009, p. 93) “nas redes sociais cada indivíduo tem sua função e identidade cultural. Sua relação com outros indivíduos vai formando um todo coeso que representa a rede. De acordo com a temática da organização da rede, é possível a formação de configurações diferenciadas e mutantes”. Ainda segundo as autoras, a rede é uma estrutura não linear, descentralizada, flexível, sem limites definidos e auto-organizáveis, estabelece-se por relações horizontais de cooperação.

As redes são formas de capturar informações, por isso, no ambiente organizacional também tomaram um lugar de destaque como facilitadoras ou influenciadoras de processos. Aparecem como redes formais e informais. A forma como se dá a formação da rede faz com que ela, na maioria das vezes, passe despercebida na vida do ser humano. Podem ser informais, invisíveis, ou seja, a conexão pode estar oculta. Para perceber isso basta parar e se perguntar: Quando paramos para pensar nas redes da qual fazemos parte?

Nos dias atuais mudanças nas rotinas dos indivíduos podem ser percebidas e as redes, que antes passavam despercebidas, tornam-se ponto de convergência da informação e do conhecimento de maneira formal, com uso de várias tecnologias, com destaque para internet. Esta relação passar a ser independente, ou seja, a rede influencia o contexto e o mesmo influencia a rede.

a interação constante ocasiona mudanças estruturais e, em relação às interações em que a troca é a informação, a mudança estrutural que pode ser percebida é a do conhecimento, quanto mais informações trocamos com o ambiente que nos cerca, com os atores da nossa rede, maior será nossa bagagem de conhecimento, maior será nossa estoque de informações, e é nesse poliedro de significados que inserimos as redes sociais(TOMAÉK, ALCARÁ E DI CHIARA, 2005, p.95)

As redes sociais estão e são hoje alvo de desejo do ser humano que, a partir de certa idade, já é questionado pertencer ou não a uma rede. Assim, pessoas entram nas redes cada vez mais jovens. Por outro lado os mais velhos, antes restritos a contatos telefônicos, impressos ou televisivos, criam hábitos e se aproximam deste panorama também através das redes sociais.

Existem vários olhares que podem ser lançados sobre as redes sociais a começar por dois itens que as movimentam: informação e conhecimento. A informação está no domínio

pessoal, ou seja, o sujeito recebe o fluxo e define se o mesmo acrescenta ou não ao estado anterior.

Choo apud (Tomaél, Alcará e Di Chiara, 2005, p. 95) define que a informação é coletada do ambiente e interpretada para construção de significados (sense making), procurando sua retenção. Na outra forma, cria novos conhecimentos (knowledge creative) por meio de sua conversão (tácito para explícito) e do compartilhamento da informação, procurando a inovação. Por último, procura e analisa informações para tomada de decisões (decision making).

Ainda para Choo (1998) o ciclo é composto dos seguintes aspectos:

necessidade de informação: contém elementos cognitivos, afetivos e situacionais. É primeiramente sentida como uma incerteza. Conforme esse sentimento vai diminuindo, a necessidade de informação progressivamente vai chegando à consciência e então a questão é formalizada;

busca pela informação: o modelo é analisado valendo-se das seguintes categorias; iniciação, encadeamento, pesquisa, diferenciação, monitoramento, extração, verificação e conclusão. As três primeiras categorias são importantes para o desenvolvimento do foco e estratégia da pesquisa, as demais são fortemente influenciadas pelo ambiente cultural e organizacional, ou seja, a escolha das fontes de informação depende da inserção do indivíduo e da motivação que gerou a busca;

uso da informação: seleção e processamento de informação resultando em um novo conhecimento ou ação. Nesse aspecto a informação é frequentemente usada para responder a questões, resolver problemas, tomar decisões, negociar posições, ou construir significados para determinada situação. As pessoas sentem satisfação e confiança quando suas pesquisas têm bons resultados, mas, quando ocorre o contrário, sentem desapontamento e frustração.

O fluxo de informações recebidas pelo indivíduo é processado conforme suas crenças, valores e experiências e o conduz à ação e ao conhecimento. Neste sentido o compartilhamento surge com a ideia central para fortalecimento das redes.

reconhecendo-se como certo que a informação e o conhecimento são inerentes às redes sociais, sua importância social e econômica é consequência do efeito que causam nas pessoas e nas organizações. Nesse âmbito, constatamos a necessidade de compartilhá-los para que possam trazer mudanças no contexto em que estão inseridos. (TOMAEL, ALCARÁ, E DI CHIARA, 2005, P.97)

Diante do exposto, justifica-se a proposição de um estudo cultura digital e elementos da cultura escolar. No âmbito escolar, os dispositivos contribuem para sistematização da nova prática escolar e, conseqüentemente, são incorporados às formas já existentes da cultura escolar.

O ser humano, até os dias atuais, ainda tem como elemento central do estudo o caderno, que aos poucos vem sendo companheiro das novas tecnologias, entre elas, o computador, o notebook e outros dispositivos móveis. Desde os tempos mais remotos que se tem registro, sabemos que o ser humano procura meios para manifestar sua natureza social. Muitas das informações que temos decorrem da análise de desenhos e símbolos encontrados em cavernas, além de utensílios por eles usados, demonstrando assim a necessidade de passar as informações adiante.

Quando olhamos para a evolução da humanidade percebemos que o desenvolvimento tecnológico possibilitou mudanças em muitas áreas, mas se prestarmos atenção no campo da educação veremos que este evoluiu, constantemente, na medida em que novas tecnologias e possibilidades apareceram para compor o rol de dispositivos de pesquisa, interação e resultados.

Os avanços tecnológicos na área da informação têm mudado consideravelmente o modo de vida das pessoas. Nos últimos anos não só a economia, mas também o mercado de trabalho e as corporações têm sido afetados por essas mudanças e toda a cultura tem sido influenciada pelo mundo digital.

Isso tem proporcionado um novo comportamento, fazendo com que as ideias e conhecimentos, muitas vezes guardados por um pequeno grupo ou uma só pessoa, se propaguem e se complementem ampliando a intitulada “inteligência coletiva”.

o papel da informática e das técnicas de comunicação com base digital não seria substituir o homem, nem aproximar-se de uma hipotética “inteligência artificial”, mas promover a construção de coletivos inteligentes, nos quais as potencialidades sociais e cognitivas de cada um poderão desenvolver-se e ampliar de maneira recíproca (LEVY, 1999, p.25).

A tecnologia pode ser considerada um novo paradigma da sociedade, produzindo novas formas de produção de saberes e conhecimentos, portanto, os dispositivos móveis (computadores, notebook, tablets e celulares) são hoje elementos presentes no dia a dia escolar, seja em sala de aula, seja na elaboração de tarefas. Através deles são realizadas pesquisas que antes eram feitas somente através livros e revistas, também são ilustrados os trabalhos, que antes eram desenhados, e finalmente são arquivados os conteúdos.

O estudante, ao usar o dispositivo para as atividades acadêmicas, atribui ao aparelho funções complementares ou mesmo substitutivas do caderno e dos livros. No ensino superior e médio é visível a presença de notebooks, netbooks, tablets em sala de aula. Em nível superior, a cada ano letivo é possível observar a organização dos trabalhos escolares nos computadores e não raro é encontrar um aluno trazendo ao docente as tarefas para

serem corrigidas no dispositivo. Este se torna a agenda escolar e a agenda da vida do aluno. A organização, antes destinada aos cadernos (dividida em matérias, linhas, páginas, divisões) agora é acomodada em pastas e subpastas.

a tecnologia refere-se a arranjos materiais e sociais que envolvem processos físicos organizacionais, referidos ao conhecimento científico aplicável. No entanto, a tecnologia não é propriedade neutra ligada à eficiência produtivista e, não determina a sociedade, da mesma forma que esta não escreve o curso da transformação tecnológica. Ao contrário, as tecnologias são produtos da ação humana, historicamente construídos, expressando relações sociais das quais dependem, mas que também são influenciadas por eles. Os produtos e processos tecnológicos são considerados artefatos sociais e culturais que carregam consigo relações de poder, intenções e interesses diversos (OLIVEIRA, 2011, p.101).

Na escola, professores e alunos usam preferencialmente a fala como recurso para interagir, ensinar e verificar aprendizagem. Em muitos casos, o aluno é o que menos fala. A voz do professor, a televisão e o vídeo, além de outros tipos de “equipamentos narrativos”, assumem papel de “contadores de histórias” e os alunos de ouvintes. Por meio de longas narrativas orais, a informação é transmitida, na esperança de que seja armazenada na memória e aprendida. A sociedade oral, de todos os tempos, aposta na memorização, na repetição e na continuidade (KENSKY, 2007, p.29).

A criação da linguagem escrita se deu pela própria necessidade do homem que, ao deixar de ser nômade e passar a ocupar espaços, precisou registrar e comunicar algo a partir da compreensão. O homem que escreve não é necessariamente o homem que lê. O registro elimina a possibilidade de não haver comunicação.

Para chegar à utilização do papel, o homem iniciou suas atividades de comunicação com registro em cavernas, ossos, pedras e peles de animais, passando pelo papiro, pergaminho, dentre outros. O papel, como hoje conhecemos, foi inventado pelos chineses há mais de dois mil anos, oriundo da cortiça de uma árvore. Em meados do século XII, a Europa iniciou a produção do papel e com ela muitas formas de impressão e grafia que Gutenberg, em 1450, transformaria na nova tecnologia de impressão que possibilitou a reprodução em série e revolucionou a cultura com democratização de acesso às informações.

a complexidade dos códigos da escrita e o domínio das representações alfabéticas criam uma hierarquia social, da qual são excluídos todos os “iletrados”, os analfabetos. A escrita reorienta a estrutura social, legitimando o conhecimento valorizado pela escolaridade como mecanismo de poder de ascensão (KENSKY, 2007, p. 31).

A leitura com acesso à informação pode ser verificada através da apropriação que cada leitor faz do conteúdo. A cultura da leitura é inseparável da sociedade e através dela o

homem conquistou o conhecimento e o dominou o andar dos séculos e o progresso. Com o passar do tempo, línguas, linguagens e plataformas diferentes surgiram para dar vida ao texto. Também o leitor assumiu outros papéis passando de agente passivo a ativo.

E nesse movimento da humanidade foi criado um modelo de escola no qual o aprendizado é feito com o professor falando e o aluno como ouvinte, num momento seguinte e para o restante da sua vida escolar, o aluno anota no caderno o que o docente diz, suas explicações, às vezes interpretando as anotações. Até que a sociedade da informação traz à tona a necessidade de ter, compartilhar e criar tecnologias que facilitem ainda mais a escrita, a leitura, o registro. Tendo por base o papel, a escrita, a leitura e os meios de comunicação, aparecem o computador e a internet, que mais uma vez revolucionam o comportamento humano.

Tendo por foco a escola, os elementos acima expostos, nos permitem compreender que a cultura escolar acompanha a entrada destes elementos e é alimentado por eles, o que reflete em novos comportamentos dentro de sala de aula. Também que a evolução do uso do texto e do conhecimento nos trouxe novos dispositivos de registros, pesquisa e estudo que diferenciam a geração dos jovens e alteram o cotidiano escolar.

A Confluência da Linguagem, da Escrita e da Tecnologia.

No ambiente digital é possível reunir várias linguagens e interagir de diversas maneiras, e a aplicação disto pelo aluno no ambiente escolar pode ter como resultado um novo comportamento e novos resultados.

A linguagem digital é composta, essencialmente, por hipertextos que são sequências de documentos interligados, funcionando como páginas que como respostas à ação do usuário, podem avançar para detalhes e especificidades sobre o assunto. Quando incorporamos ao hipertexto fotos, vídeos e sons, podemos produzir a hipermídia.

a linguagem digital, expressa em múltiplas TICs, impõe mudanças radicais nas formas de acesso à informação, à cultura e ao entretenimento. O poder da linguagem digital, baseado no acesso a computadores e todos os seus periféricos, à internet, aos jogos eletrônicos etc, com todas as possibilidades de convergência e sinergia entre as mais variadas aplicações dessas mídias, influencia cada vez mais a constituição de conhecimentos, valores e atitudes. Cria uma nova cultura e outra realidade informacional (KENSKI, 2007, p.32).

E nesse ambiente também é possível notar a mudança de comportamento dos alunos em relação a pesquisas, leituras e registros. Então surge uma popularização de ferramentas que no cotidiano torna-se parte da comunicação e espaço de conversação ampliando interações sociais. A comunicação é mediada por dispositivos criando novas formas de leituras, interpretações e convivências. O leitor escolhe plataformas de leitura impressas ou digitais (online ou offline) para acesso ao material assim como, determina o tempo e local de leitura dentro do cotidiano usando pequenos espaços e intervalos para busca, leitura e entendimento de conteúdos. A leitura está na “palma da mão” e pode ser feita a qualquer momento num jogo de olhar sobre a tela e num simples toque (touch).

O computador e os outros dispositivos deixam de ser meros instrumentos, apenas máquinas, e assumem o papel de dispositivos pedagógicos. Nos cadernos, os alunos têm uma organização de conteúdo já conhecido, identificado por folhas, partes que dividem as “matérias”. Ou o caderno serve para uma disciplina ou ele tem várias partes que servem para várias disciplinas. E nos dispositivos, como isso se verifica? Como o aluno se organiza?

Questões como estas nos levam a acreditar que é preciso investigar cientificamente o uso destes dispositivos como parte da cultura escolar contemporânea para, assim, verificar indícios de organizações e métodos que o aluno constrói na sua relação com a tecnologia.

Por outra vertente, não se pode mais estudar apenas e somente o computador como objeto de projeções em sala de aula, ou de pesquisa fora da mesma. É preciso conhecer o uso que o aluno faz do mesmo em sala de aula e também nas atividades escolares em geral e conhecer os hábitos e costumes em relação à outros dispositivos.

Considerações Finais

Este artigo apresentou uma estudo sobre as teorias conceituais de Cultura, Cultura Digital, tendo por base autores como Marilena Chaui, Pierre Levy, Marshal McLuhan e outros, que correlacionados nos permitem entender a cultura digital tendo como partida a formação da cultura da sociedade contemporânea.

Propõe uma reflexão sobre o papel dos principais elementos do mundo digital como tecnologias, sociedade em rede, linguagens e comportamentos digitais e sua similitude com novos padrões de cultura escolar por parte de alunos universitários.

Nesta perspectiva, Um grande desafio do mundo contemporâneo é saber lidar pedagogicamente com a presença das tecnologias como apoio ou recurso da cultura escolar. Muito se discuti sobre a escola-universidade tendo como um grande desafio a inclusão da tecnologia como elemento da cultura escolar.

Por fim, entendemos esse novo direcionamento de comportamento digital altera o cotidiano na sala de aula no que se refere ao aluno que já não tem apenas o caderno(ou não tem) mas, traz consigo dispositivos de pesquisa, registros e interação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Eliza B., PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. *O Computador Portátil na Escola*. São Paulo, Avercamp, 2011.

CHAUI, Marilena. **Conformismo e Resistência**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Cultura e Democracia**. 3ª. edição. São Paulo: Moderna, 1982.

_____. **Seminários**. 2ª. Edição. São Paulo: Brasiliense, 1986.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação*. São Paulo, Papyrus, 2007.

KENSKI, Vani. *Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação*: Campinas: Papyrus, 2007.

KERCKHOVE, Derick de. *A pele da cultura*. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

LEMOS. André. *Cibercultura. Tecnologias e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LEVY, Pierre. *Inteligência coletiva*. São Paulo: Editora Loyola, 1998.

LOPES, Eduarda Escila Ferreira Lopes. *Pesquisa de opinião Pública e mídia: prestação de serviço e/ou dependência operacional*. Bauru, FAAC/UNESP, 1998. Dissertação de Mestrado.

MENIN, Maria Suzana de Stefano. *Representações sociais e Estereótipos: a zona muda das representações sociais*. Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília, 2006, vol.22, no. 01, p. 43-52.

MORAN, José Manuel. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*: São Paulo: Papirus, 2006.

NEGROPONTE. Nicholas. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. *Do mito da tecnologia ao paradigma tecnológico nas práticas didático-pedagógicas*. Revista Brasileira de Educação, Campinas, 2001, n.18.

RANGEL, Mary, FREIRE, Wendel. *Educação com Tecnologia: texto, hipertexto e leitura*. Rio de Janeiro, Wak Editora, 2011.

Referencias Eletrônicas

<https://www.youtube.com/watch?v=RU22-g2BPHw>, disponível em 08 de janeiro de 2016.